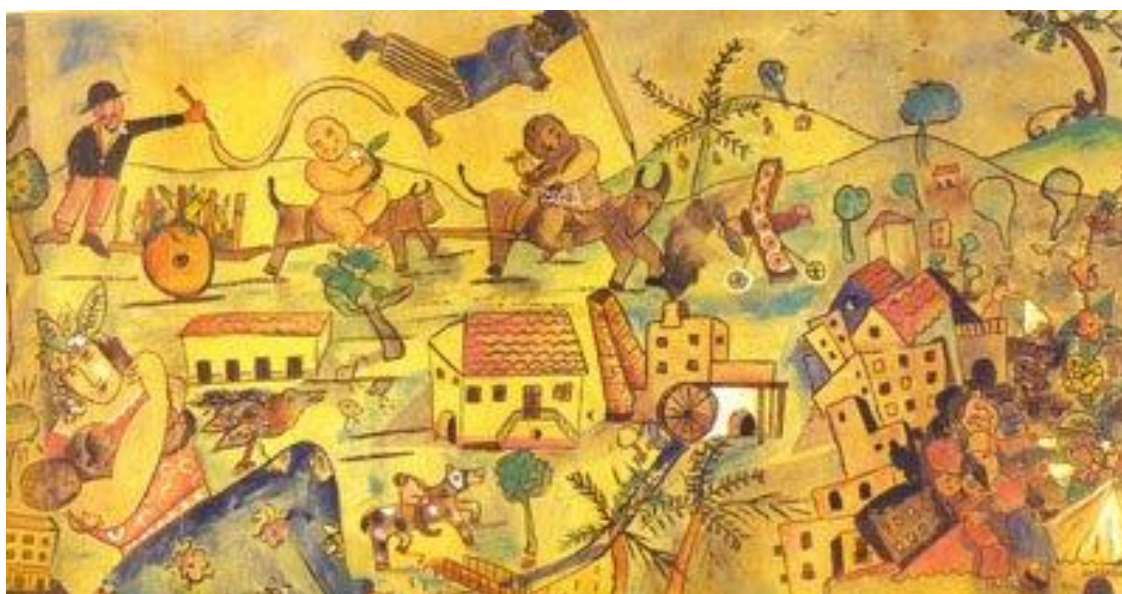


## CÍCERO DIAS: “EU VI O MUNDO” ...AS LUZES E AS CORES DO NORDESTE

*Dalmo de Oliveira Souza e Silva*

**Resumo:** o texto discute o modernismo brasileiro a partir da trajetória de Cícero Dias, artista nascido num engenho da cidade Jundiá/PE. Grande parte de sua vida residiu em Paris, onde estabeleceu amizade com os pintores Henri Matisse, Picasso, Fernando Léger e o poeta Paul Éluard, porém, manteve em seu percurso estético os temas referentes à luz, às cores e à realidade nordestina, evidenciando um modernismo distinto ao desenvolvido no eixo Rio-São Paulo.



*Eu Vi o Mundo ... ele começava no Recife* (detalhe do painel), 1926-1929

Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro/RJ.

Algumas investigações abordam o modernismo brasileiro atribuindo grande ênfase às manifestações artísticas concentradas no eixo Rio-São Paulo. Essa atitude necessita de atenção, visto que o fator geográfico tende a polarizar a criação artística nacional. Após as comemorações dos 90 anos da Semana de Arte – ocorridas em grande parte em 2012 – surgem novas pesquisas que resgatam outras realidades ligadas ao modernismo distintas às grandes metrópoles – e que igualmente compõem o universo estético do país – pode mostrar as diversas facetas do fenômeno da arte moderna entre os nossos artistas. De fato, os primeiros movimentos para a emergência do modernismo brasileiro surgem de um grupo seleto de artistas radicados em São Paulo. Contudo, não se desconsidere nomes como os de Vicente e de Joaquim do Rego Monteiro que não eram de famílias paulistas, mas sim membros da elite nordestina e que estes contribuíram para formação do ideário moderno no contexto nacional. Apesar de serem educados na Europa

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Letras Nove de Julho (1984), graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1981), mestrado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1987) e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo com bolsa Sandwich (Daad) na Universidade de Augsburg/Alemanha (1993). Atualmente é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisador da Cátedra de Gestão de Cidades da UMESp.

e da maior parte de sua produção ter sido realizada em Paris, esses artistas traziam consigo sua terra de origem e cada um, ao seu modo, desenvolveu sua poética ligada à luz, às cores e a gente nordestina.

A realidade nordestina torna-se bastante especial quando é retomado o processo de ocupação e de colonização dessa região. Diferentemente de São Paulo (ou de áreas semelhantes a esta), a região do Nordeste, em especial, Recife foi marcada profundamente pelos engenhos de cana-de-açúcar que geraram grandes riquezas em quase todo o período colonial brasileiro. O surto industrial, ocasionado pelo café, que atingiu as cidades paulistas com tamanha intensidade não foi sentido na região nordestina, onde a cultura do açúcar ordenava as regras sócio-econômicas. As representações dos artistas de origem nordestina, de modo geral, realizam leituras baseadas em suas memórias da unidade de produção açucareira (engenhos, canaviais e arrabaldes próximos a “casa grande”<sup>2</sup>). Um desses artistas e, possivelmente, um dos mais interessantes, é Cícero Dias – caracterizado por ser um pintor das “coisas de sua terra” (Recife), mas que nem por isso deixou de aderir às vanguardas europeias.

Cícero Dias produz uma arte envolvida com a “força dos canaviais”. Sua pintura possui os tons vermelhos e verdes do Nordeste; a identificação com a vida dos engenhos e da proximidade junto ao mar e, a vivência de quem não se esquece de onde nasceu. Como é possível realizar uma produção artística tão comprometida com aspectos regionais e, ao mesmo tempo, promover e aderir a movimentos internacionais – considerados como inovações estéticas? Através do estudo dirigido à vida e à obra de Cícero Dias se compreendem os caminhos do modernismo brasileiro, visualizando o diálogo entre o regional e as vanguardas internacionais.

O jovem artista pernambucano era uma grata surpresa aos modernistas. Os comentários de Mário de Andrade sugeriram que seu painel “*Eu vi o mundo ... Ele começava no Recife*” provocou escândalo na alta sociedade brasileira, pois esta ainda não tinha se acostumado totalmente com a ousadia da linguagem modernista e não estava preparada para compreender a verdadeira extensão dos nus provocativos observados na tela de Cícero Dias.<sup>3</sup> A adesão ao modernismo foi instintiva para Cícero Dias. Iniciado na pintura por uma tia, ainda no Engenho de Jundiá (onde nasceu), desenvolveu sua formação artística no Mosteiro de Sain-Benoît, no Rio de Janeiro. Ainda na década de 1920, o artista exercitava, em seu trabalho, traços semelhantes aos desenvolvidos por Marc Chagall e Paul Klee, em Paris – isso sem conhecer ou ir até às correntes franceses.

---

<sup>2</sup> A sociedade constituída pelo açúcar apresentava uma estrutura centrada na figura do patriarca (dono de engenho) cercado por seus familiares (lembrando que é uma família extensiva), agregados (apadrinhamentos) e empregados (antes da mão-de-obra livre e assalariada, escravos). As relações de poder social giram em torno da sede do Engenho (“a Casa Grande”).

<sup>3</sup> “*Eu vi o mundo ... Ele começava no Recife*”, painel realizado em 1926, medindo 2,5 metros de altura por 15 metros de largura. Exibido no Salão Nacional de Belas Artes, este painel foi mutilado em 3 metros, em uma de suas extremidades (por conter nus frontais considerados escandalosos para a época).

Em 1928, ocorreu a primeira exposição individual de Cícero Dias, no Rio de Janeiro<sup>4</sup>. No evento, muitas pessoas influentes do cenário cultural brasileiro estavam presentes, entre eles: Graça Aranha, Tristão de Ataíde, Di Cavalcanti, Murilo Mendes, Antonio Bento, entre outros.<sup>5</sup> A mostra de Cícero Dias aconteceu como evento paralelo ao I Congresso de Psicanálise da América Latina. Silva Jardim (um dos críticos envolvido no evento) considerou sua exposição como a primeira manifestação surrealista ocorrida no país. À época, a criação artística e os sonhos eram vistos como manifestações legítimas do inconsciente e as imagens oníricas eram consideradas como a melhor expressão para fatos de origem inconsciente. A obra de Dias correspondia de modo imediato a essas expectativas.

Artista atuante em seu meio social, Cícero Dias sempre foi um boêmio. Suas relações pessoais provocaram marcas em sua arte. Por essa razão, contraiu desafetos no cenário nacional e internacional – exemplo disso foram suas relações pouco amistosas com André Breton e Oswald de Andrade. Profundamente envolvido com ações políticas, Cícero Dias fez parte da Frente Única Sindical, juntamente com outros jovens idealistas que não escondiam os planos de salvar a nação brasileira. Eram portadores da mensagem comunista em um período no qual Getúlio Vargas dirigia o país ao encontro da ditadura do Estado Novo (com cores fascistas).

Como resultado de suas ações políticas, o artista teve seu atelier saqueado diversas vezes e o exílio voluntário, em 1937, em Paris, foi medida imposta para escapar à perseguição de Getúlio Vargas aos comunistas. Com o auxílio de Paulo Prado, importante incentivador dos artistas modernistas, Cícero montou seu atelier em Montparnasse – o bairro dos boêmios e dos artistas franceses e de alguns brasileiros.

A partir de então, Cícero Dias não retornaria mais ao país – a não ser para passar temporadas em férias ou realizar exposições esporádicas. A vida parisiense o tomou por completo. O convívio nas rodas boêmias, nos cafés e bares de Paris, permitiu que este conhecesse artistas e intelectuais, entre eles: Henri Matisse, George Braque, Fernand Léger, Paul Éluard e André Breton. A aproximação íntima com Pablo Picasso o deixou lado a lado com as criações artísticas da vanguarda francesa e a amizade com Éluard o colocou no meio da resistência antinazista, no período mais acirrado da II Guerra Mundial<sup>6</sup>. Outro fator marcante em sua produção artística: a partilha de experiências com poetas e escritores. O artista desenvolveu laços de amizade com intelectuais, como: Paul Éluard, José Lins do Rego e muitos outros. Além de ter sido o ilustrador da primeira edição de *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre. Em muitos depoimentos, Cícero Dias reafirmou sua afinidade com a poesia:

---

<sup>4</sup> Com o auxílio de seus amigos Di Cavalcanti e Murilo Mendes, Cícero alugou uma sala na Av. Rio Branco e promoveu sua primeira exposição individual com a presença da intelectualidade brasileira, na época. ABRIL CULTURAL, **A pintura no Brasil**, Rio de Janeiro: Abril Cultural, s/d., p.70.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Cícero foi preso pelos nazistas e levado a um campo de concentração, onde permaneceu por pouco tempo. Em liberdade, ligou-se a elementos da Resistência Francesa e passou a viver entre Lisboa e a França. Um dos seus grandes feitos foi conseguir contrabandear para a Inglaterra o poema *Liberté* de Paul Éluard e assim contribuir para a reação francesa na Guerra. ABRIL CULTURAL, **A pintura no Brasil**, Rio de Janeiro: Abril Cultural, s/d, p. 70.

Minhas emoções maiores no ato de pintar tiveram sempre ligações com a poesia. Procurava transmitir para as telas o humanismo que Rimbaud me transmitia, o humanismo de Murilo Mendes, a sensibilidade de Carlos Dummond de Andrade, a força telúrica de Mário de Andrade, o lirismo puro de Bandeira. Em suma, eu lia poesia para pintar como poeta.<sup>7</sup>

O depoimento do artista esclarece sua intenção em transformar a palavra escrita em elemento plástico e pictórico, sobressaindo, dessa atitude, a experiência e a emoção das palavras traduzidas em cores e formas. Para o pintor sua obra necessitava transmitir mensagens. Essas mensagens diziam coisas da sua realidade primeira – a Recife de seus tempos de juventude. O movimento contrário também é verdadeiro, pois José Lins do Rego se sentia à vontade para dizer que “vejo os seus quadros como se andasse no meu engenho”.<sup>8</sup> Existiu assim uma correspondência entre a obra literária de Lins do Rego e a pintura de Cícero Dias. É como se ambas fossem complementares! O diálogo estabelecido entre o literário e o pictórico é fator primordial para a compreensão de seu percurso estético. Em mais de uma oportunidade, a obra de Cícero Dias informou sua dualidade entre o regional/internacional, pois conseguiu ser a visão exata da literatura regional de um escritor como José Lins do Rego, ao mesmo passo, em que pôde ser acolhida pelo cosmopolita Paul Éluard. A movimentação entre o regional e o internacional fez com que o público de Cícero Dias obtivesse uma posição dinâmica frente às duas realidades.

Assinale-se que mesmo vivendo em Paris, a poética visual desse artista não se remete às experiências vividas na França. O assunto de suas telas é predominantemente brasileiro (e em particular, nordestino). Contudo, o desenvolvimento de sua arte estava atrelado aos movimentos da vanguarda francesa. Cícero Dias empregou recursos do surrealismo e do abstracionismo em elementos plásticos nordestinos.<sup>9</sup> Mesmo em sua produção abstrata, a presença do Recife esteve registrada nas cores do canavial (verdes e vermelhos). As vindas ao Brasil serviam para reavivar sua memória poética – presa nas vivências da infância no Engenho de Jundiá ou na beira do Capiberipe. Isto o clima e a atmosfera moderna de Paris não puderam alterar em seu exercício pictórico.

As telas de Cícero foram representações de imagens reais e anteriores, observadas pelas reminiscências da memória. Imagens que acabaram transformando-se em função da mescla de outras já vividas ou imaginadas e que ressurgiam espontaneamente. Uma produção caracterizada pela força, a surpresa e a amplitude emocional – fatores difíceis em outros artistas nacionais, isto porque muitos sofreram uma retração criativa por pressão de fórmulas adotadas pela modernidade no século XX.

<sup>7</sup> Depoimento em **O Estado de S. Paulo**, 24 abr.1999.

<sup>8</sup> **O Estado de S. Paulo**, 03 ago. 1963.

<sup>9</sup> “Inicialmente surrealista, lembrava Marc Chagall. Depois, passou por um período abstracionista, conservando sempre as cores dos canaviais que constituíram seu mundo de criança. Uma fase posterior será, por assim dizer, uma volta ao passado, um figurativismo ingênuo, não contaminado pela paisagem francesa – quase sempre inspirado nos temas de sua adolescência: o Capiberipe, o Recife, as cantigas do carnaval.” **ABRIL CULTURAL, A pintura no Brasil**, Rio de Janeiro: Abril Cultural, s/d, p. 70.

Cícero Dias conheceu diversos movimentos e linguagens artísticas. Segundo o próprio artista, o abandono de cada um desses movimentos se deu a partir do momento em que os incorporava aos seus trabalhos – deles restando apenas uma ou outra contribuição (uma espécie de deglutição criativa). Surgiu, então, uma permuta incessante entre o presente/passado e entre o regional/cosmopolita, resultando em uma mistura entre as cores do Brasil e as linguagens estéticas internacionais. O mundo para Cícero Dias pode ter tido início no Recife, mas possuiu um prolongamento até Paris. De lá, este artista refletiu incessantemente sobre o Nordeste brasileiro e sobre sua luminosidade. Voltado aos movimentos internacionais, esse artista acompanhou todos os “ismos” na arte e observou a substituição destes por arte cinética, ecológica, conceitual, entre outras linguagens, além das que se caracterizam por ser antiarte. Nunca perdeu sua coerência interna, absorvendo de cada uma dessas correntes artísticas aquilo que achava melhor para a construção de sua pintura, guardando seu tom de modernidade – sem esquecer os temas brasileiros.

Mesmo morando em Paris, este pintor conservou em suas telas a luz dos trópicos. Os tipos populares do Nordeste, retratados sobre a extrema luminosidade do sol de Recife fizeram parte de seu vocabulário criativo. E se apresentaram em permanente contraste com o azul sertanejo ou com os verdes dos canaviais – que permaneceram em todas as fases de sua arte<sup>10</sup>. Não se pode esquecer o vermelho “sangue de boi”, a demonstrar uma fidelidade à luz brasileira e a realidade do país - fato mencionado algumas vezes por Paul Éluard, em 1948<sup>11</sup>.

Em síntese, Cícero Dias soube conciliar o regional e o cosmopolita de maneira especial em sua produção artística. Os diversos relacionamentos travados entre artistas e intelectuais, de certo modo, permitiram com que Cícero, através de sua arte, estabelecesse um diálogo constante entre a temática regional e as linguagens artísticas de vanguarda do século XX. Para o artista, a vida e a poesia, visto que era amigo de poetas e franco admirador da emoção transmitida pela palavra, deviam ser refletidas em suas telas e estas deviam falar de coisas do Recife – imagens guardadas na sua memória. O Nordeste brasileiro, rico em formas e cores, era a realidade de sua infância e continuou sendo a de sua obra. Por isso, não importavam os experimentalismos do surrealismo ou do abstracionismo (visto como instrumentos) para que Cícero Dias mostrasse seus elementos regionais. O importante era criar algo original – que transmitisse suas

---

<sup>10</sup> I – fase (1927-1937): predomínio das aquarelas e óleos, marcados por um simbolismo explícito e inequívoco. Uma busca da realidade interior do homem, transitando entre o real e o imaginário. Também demonstrou, nesse momento, preocupações comuns ao surrealismo, com distorções que indicaram um deslocamento em direção ao mundo do inconsciente e do sonho.

II – fase (1936-1960): experiências entre a figuração e a abstração. O contato com os artistas da Escola de Paris provocou em sua arte grande impacto, a participação no grupo *Espace* o fez adotar a forma geométrica, aos poucos esse rigor formal foi sendo substituído pelo abstracionismo informal.

III – fase (1961-2001): a figura da mulher era transformada em seu emblema. A produção mais recente aborda temas como as praias, o sol, a lua e os canaviais de Recife.

<sup>11</sup> **O Estado de S. Paulo**, 23 nov.1967.

emoções.<sup>12</sup> O artista afirmava: “Pintar é uma emoção. A realidade tanto pode estar nos abstratos quanto nos expressionistas. Pinto com o pensamento voltado para o Nordeste.”

### Referências Bibliográficas

ABRIL CULTURAL, **A pintura no Brasil**, Rio de Janeiro: Abril Cultural, s/d.

FONTES, Luiz Olavo. **Cícero Dias, anos 20**. São Paulo: Index, 1993.

**MESTRE DO DESENHO BRASILEIRO: VINTE E SETE ARTISTAS REPRESENTATIVOS**, São Paulo: FIESP, 1983.

### Sites

<http://www.cicerodias.com.br>

<http://www.estado.estadao.com.br>

<http://www.itaucultural.org.br>

### Jornais e Revista

**Veja**, 31 jan. 2001, p. 122.

**O Estado de S. Paulo**, 24 abr.1999.

**Folha de S. Paulo**, 25 set.1984.

**Jornal do Brasil**, 22 set.1984.

**Folha de S. Paulo**, 20 mar.1984.

**O Estado de S. Paulo**, 23 nov.1967.

**O Estado de S. Paulo**, 03 ago.1963.

---

<sup>12</sup> Segundo seus críticos, Cícero Dias constitui um exemplo raro de pintor que mais que se esforce é incapaz de imitar qualquer outro, como se sentisse a obrigação de ser original. Ele mesmo afirma: “Sou instintivo. Apenas pinto aquilo que conheço, defendendo as cores com as quais tenho intimidade. A Europa não exerceu influência sobre minha arte”. **Folha de S. Paulo**, 25 set.1984.